

Antonio Sérgio Azevedo Damy

A Filosofia Grega: uma introdução

Mogi das Cruzes

2005

Sumário

Introdução.....	3
Os Pré-Socráticos: a Filosofia da Natureza	4
Tales, Anaximandro e Anaxímenes	4
Pitágoras	4
Xenófanés	5
Os eleatas.....	5
Parmênides de Eléia (-515 / -450).....	5
Heráclito (540-480 a.C.)	6
Empédocles (494-434).....	6
Anaxágoras (500-428).....	7
Demócrito (460-370 a.C.)	7
Zênão de Eléia (-490/-485).....	7
Melisso de Samos (-450).....	8
Sócrates, Platão e Aristóteles: o triunfo da razão	8
Os Sofistas	8
Sócrates (470 - 399 a.C.)	8
Platão (427 - 347 a.C.)	9
Aristóteles	10
O pensamento de Aristóteles.....	11
Referências Bibliográficas.....	11
Anexo 1: A alegoria da caverna	12

Introdução

Os pensadores gregos influenciaram de tal forma a Filosofia Ocidental que ao nos referirmos a ela estamos falando, essencialmente, da própria Filosofia Grega. Filos "amigo", e Sofia, "sabedoria". A filosofia grega começou aproximadamente no fim do século VII AC e evoluiu até o início do século IV AC, mais ou menos, ao longo de três grandes períodos.

A filosofia procura indagar sobre questões essenciais como: Quem sou eu, de onde surgiu o universo. Existiria uma vontade ou um sentido sobre a existência? Haveria vida após a morte? Como devemos viver? Trata-se antes de mais nada de romper com a visão do mundo cotidiana.

A filosofia rompe primordialmente com a explicação mitológica do mundo, que constituía um modelo explicativo do curso da natureza e também um sistema normativo que justificava a conduta dos indivíduos dentro de seu grupo social.

A busca por explicações naturais e não místicas para os fenômenos da natureza influenciou também outras áreas. Assim, a explicação para um fracasso ou vitória militar, a doença ou a saúde, não mais caberiam à vingança dos deuses, mas à causas naturais (história, medicina).

O primeiro período (-600/-400), também chamado de pré-socrático, caracterizou-se pela reflexão sobre a estrutura do mundo natural e pelo desenvolvimento da argumentação filosófica. No segundo período (-400/-100), dito socrático, a preocupação com o homem, o estabelecimento de normas de conduta pessoal e o desenvolvimento de elaborados sistemas de pensamento ("escolas filosóficas") dominaram o cenário. O terceiro período (-100/529) transcorreu durante a dominação romana e foi marcado pela erudição e pelo sincretismo — tentativa de elaborar um sistema de pensamento unificado a partir das várias doutrinas filosóficas do passado. Sua influência impregnou o Cristianismo, atravessou a Antigüidade, a Idade Média, o Renascimento e chegou até nossos dias...

Embora a filosofia tenha nascido e se desenvolvido nas prósperas cidades-estado localizadas fora do continente grego, o mais importante personagem da Filosofia Grega foi o ateniense Sócrates (-469/-399)

Sua contribuição à Filosofia foi tão importante que é costume dividir os pensadores gregos, historicamente, em "pré-socráticos" e "pós-socráticos". Embora de uso tradicional, há uma pequena imprecisão nessa expressão, já que

os últimos filósofos pré-socráticos, na realidade, foram contemporâneos de Sócrates...

Os Pré-Socráticos: a Filosofia da Natureza

O pensamento especulativo grego apresentou-se, desde o princípio, dissociado das idéias mitico-religiosas características dos egípcios, babilônios, persas e outros povos. Os primeiros filósofos dirigiram sua atenção basicamente para a estrutura da Natureza e seu funcionamento, e devido ao constante interesse em interpretar racionalmente os fenômenos observados são chamados de Filósofos da Natureza. Especulando a respeito da origem e constituição do mundo natural em termos racionais estabeleceram a Filosofia como uma disciplina intelectual e, pela mesma razão, de certa forma, foram também os primeiros cientistas. Os três mais antigos pensadores gregos são Tales (-625/-545), Anaximandro (-610/-546) e Anaxímenes (-585/-525).

Tales, Anaximandro e Anaxímenes

A mais importante de suas doutrinas envolvia o princípio fundamental de tudo o que existia. Tales sustentava que todas as coisas se originaram da água.

Anaximandro opinava que o constituinte fundamental da natureza era algo totalmente diferente do que era possível observar, "indefinida e indeterminada" e que todos os processos naturais se desenvolviam em termos da combinação de coisas opostas, como por exemplo "frio" e "quente". O nosso mundo seria apenas um dos muitos mundos que surgem de alguma coisa e se dissolvem no infinito. Portanto, ao contrário de Tales, para ele, não existiria uma substância primordial (no caso a água).

Anaxímenes propunha o ar como constituinte elementar da natureza, e que era a rarefação ou condensação dessa substância que produzia as transformações do mundo. Para ele, a terra, a água e o fogo surgiam do ar. (neste caso, compartilhava a mesma visão de Tales, a da existência de uma substância básica responsável pelas transformações da natureza.

Pitágoras

Pitágoras de Samos e seus seguidores estão envolvidos em tamanha quantidade de lendas que é muito difícil separar a realidade do mito.

A crença na reencarnação, transmigração da alma ou ainda metempsicose é a mais conhecida e popular das doutrinas pitagóricas. Acreditava-se que sua meta era a necessidade da purificação da alma, que ocorria no final de vários ciclos de reencarnação.

Uma generalização da descoberta das relações numéricas entre os tons musicais levou, provavelmente, à idéia de que os números definem tudo aquilo que existe: "só aquilo que se pode determinar numericamente é um existente"

Alguns fragmentos esparsos, finalmente, deixam entrever uma verdadeira escatologia pitagórica: 1) a alma, após a morte, está sujeita a um

juízo divino; 2) a seguir há um castigo no mundo subterrâneo para os perversos; 3) há um melhor destino para os bons que, isentos de maldade no próximo mundo e numa posterior reencarnação podem alcançar a Ilha dos Bem-Aventurados.

Xenófanes

Foi o primeiro filósofo a enfrentar diretamente a teologia de sua época e teve grande influência nos filósofos posteriores. Sua principal atividade era a poesia, mas alguns de seus poemas têm importante conteúdo filosófico.

Embora Aristóteles tenha atribuído a ele a fundação da *Escola Eleática de Filosofia*, representada por Parmênides, Zênon e Melisso, a importância de Xenófanes para a Filosofia reside principalmente no espírito crítico e no ceticismo com que encarava o antropomorfismo e moralidade das divindades gregas, e também as limitações do conhecimento humano. Através de seus versos criticou asperamente o hábito humano de representar as divindades à sua própria semelhança e foi, também, o primeiro filósofo grego a postular a possível existência de um deus único.

Os eleatas

A "escola de pensamento" conhecida entre nós por eleática engloba os filósofos Parmênides de Eléia, Zenon de Eléia e Melisso de Samos.

Os eleáticos lidavam com os conceitos de "ser", "vir-a-ser", "movimento", "tempo", "espaço", "continuidade" e defenderam a unicidade estática de tudo o que existe. De forma resumida, pode-se dizer que eles consideravam falsa a realidade que se apresenta aos nossos sentidos, que percebem tudo como uma multiplicidade, e a contrapunham à efetiva realidade percebida por nossa mente, capaz de apreender a unicidade da existência.

Parmênides de Eléia (-515 / -450)

Sua doutrina se distingue das anteriores principalmente pelo monismo e pelo imobilismo. Parmênides propôs que tudo o que existe é eterno, imutável, indestrutível, indivisível e, portanto, imóvel — o que alguns chamam de "doutrina do Uno".

Assim, se tudo o que existe sempre existiu, nada pode surgir do nada e, portanto, nada que existe pode se transformar em nada.

Essa verdade, o domínio do "ser", corresponde às coisas que são percebidas pela mente; o que é percebido pelas sensações, por outro lado, é enganoso e falso, e pertence ao domínio do não-ser. Trata-se de uma oposição direta ao mobilismo preconizado por Heráclito de Éfeso, para quem "tudo passa, nada permanece". Encontramos em Parmênides a origem do *racionalismo*.

Heráclito (540-480 a.C.)

Para ele, as constantes transformações constituem a característica fundamental da natureza. Tudo flui, tudo está em movimento e nada dura para sempre. Por isso, "não podemos entrar duas vezes no mesmo rio, porque na segunda vez, tanto o rio, quanto eu, já estamos mudados.

O mundo está impregnado por constantes opostos (vida/morte; saúde/doença). Tanto o bem quanto o mal são necessários, pois é através da interação dos opostos que o mundo pode existir. Para ele, existia uma unidade, um todo, o *logos* (razão universal, Deus?), que se manifesta na natureza em constante transformação, crivada pelos seus opostos.

Apreciação

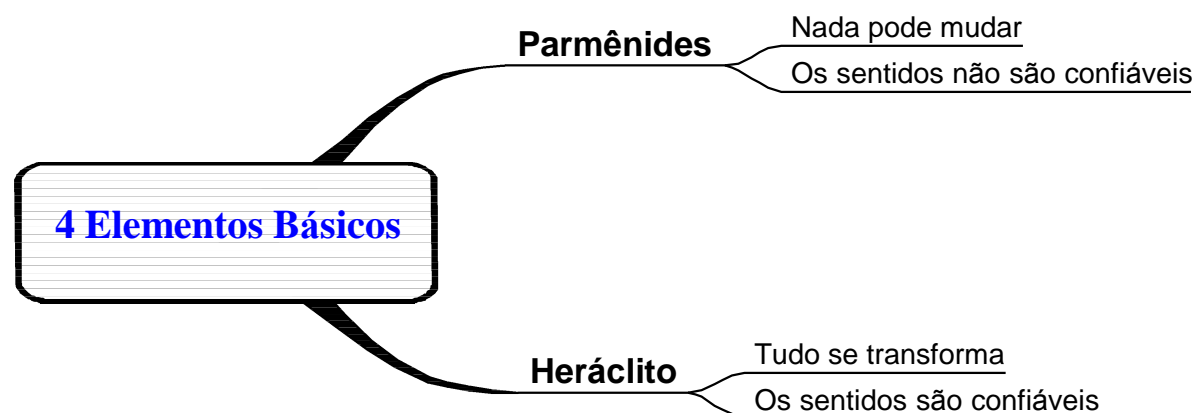
Parmênides e Heráclito pensavam de maneira oposta. A razão de Parmênides era a imutabilidade, mas a experiência sensorial de Heráclito apontava para a constante transformação da natureza.

Empédocles (494-434)

Para ele tanto Parmênides quanto Heráclito tinham razão numa de suas afirmações. A grande discordância estava no fato de assumirem como ponto de partida a existência de um elemento básico. Se assim fosse, existiria um abismo intransponível entre a nossa razão e os nossos sentidos.

A água pura será água pura por toda a eternidade (Parmênides estava correto, pois nada se transforma). Também Heráclito tem razão ao afirmar que devemos confiar em nossos sentidos, pois precisamos acreditar no que vemos, e o que vemos, é a fato da natureza estar em constante transformação.

A noção de um único elemento básico deve ser descartada, pois "nem a água, nem o ar sozinhos", poderiam se transformar em outra coisa (por exemplo, um peixe ou um pássaro). Para justificar as várias transformações da natureza, devem existir quatro elementos básicos, as *raízes da natureza*: a terra, a ar, o fogo e a água, que se combinando dão origem a todas as coisas e continuam inalterados. Ex.: quando uma flor morre, os quatro elementos voltam a se separar e essa separação pode ser observada pelos sentidos.



Anaxágoras (500-428)

A natureza seria composta por uma infinidade de partículas invisíveis a olho nu. Tudo pode ser dividido em partes ainda menores, mas mesmo na menor parte, existe ainda, um pouco de tudo. Ex.: se retiro um pedaço de pele, neste pedaço de pele está contido não apenas a descrição da minha pele, mas de todo o meu corpo.

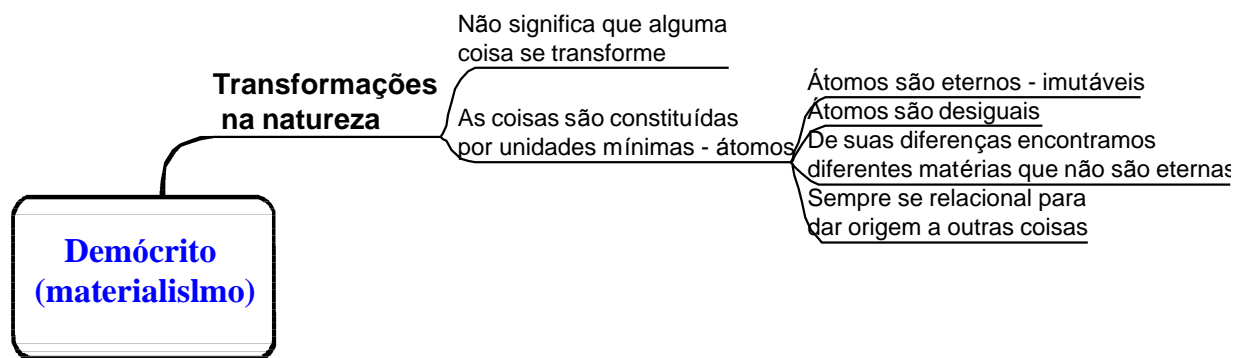
O que uniria as partes para formar o todo seria o Amor e a ordem das coisas seria mantida pela Inteligência.

Demócrito (460-370 a.C.)

As transformações que observamos na natureza, não significam que alguma coisa se transforme. Todas as coisas são constituídas por unidades mínimas (*átomos*), indivisíveis. Se estes fossem fragmentas em unidades ainda menores, a natureza entraria em desintegração.

Os átomos são eternos (pois nada pode surgir do nada) e desiguais, pois é através de suas diferenças que encontramos as diferentes matérias na natureza (flores, animais, etc). Na natureza, portanto, existem vários átomos que podem ser combinados para dar origem a corpos diferentes. Independente da duração destas coisas, os átomos seriam imutáveis e eternos, sempre se recombinando para dar origem a outros corpos.

Demócrito não acreditava numa força ou numa inteligência capaz de intervir nesse processo. As únicas coisas que existem são os átomos e o vácuo. Tudo o que existe, possui uma causa natural inerente a própria coisa. Instala-se assim, um novo pensamento, que dará origem ao *materialismo*.



Zênon de Eléia (-490/-485)

Para Aristóteles, Zênon criou a dialética, a arte de argumentar e discutir.

Imaginemos uma corrida entre Aquiles, o corredor mais rápido dentre os heróis da Mitologia, e uma tartaruga, símbolo da lentidão. Aquiles concede ao animal uma vantagem: percorrer um metro antes que ele saia do ponto de partida. De acordo com o senso comum, mesmo assim Aquiles seria certamente o vencedor; Zênon, porém, argumentou que o perseguidor tem que atingir,

primeiro, o ponto de partida do perseguido, de modo que o mais lento, por ter saído na frente, estará sempre adiante do mais rápido.

Melisso de Samos (-450)

Melisso era natural de Samos. Além de filósofo, foi político e militar. Assim como Parmênides e Zênon, ele acreditava que a realidade era "una, não-dividida, não-gerada, eterna, homogênea, sem movimento e nunca mudava".

Sócrates, Platão e Aristóteles: o triunfo da razão

Os Sofistas

Atenas, a partir de 450 a.C. transforma-se no centro cultural do mundo grego. A vinculação dos fenômenos com causas naturais já é amplamente aceita pela comunidade, e a preocupação agora desloca-se para o homem e seu papel na sociedade.

Neste período, chama atenção um grupo de filósofos, os *sofistas*, que concordavam com as explicações causais dos filósofos da natureza, mas impunham limites ao que consideravam como especulação filosófica desnecessária (ninguém seria capaz de encontrar explicações seguras para todos os mistérios da natureza), gerando uma corrente filosófica também conhecida como *ceticismo*. Uma das bases de sustentação destes filósofos foi uma posição de relativismo cultural (sentimentos como pudor e vergonha seriam criações sociais, e portanto, variando de sociedade para sociedade), negando a existência de normas absolutas para o certo e o errado.



Sócrates (470 – 399 a.C.)

Argumentador rigoroso, bem-humorado, costumava submeter todos os que se dispunham a ouvi-lo a uma série de perguntas muito bem dirigidas, até chegar a uma conclusão satisfatória que, em geral, punha em relevo a fragilidade das opiniões de seus interlocutores. Logo reuniu um vasto círculo de amigos, inimigos e jovens discípulos.

Em -399, (aos 71 anos) acusado de não cultuar os deuses da cidade e corromper a juventude, foi julgado e condenado à morte. Preferiu não fugir da cidade, argumentando que isso seria ilegal. Bebeu tranqüilamente a cicuta, veneno usado em Atenas nas execuções, diante de amigos e discípulos.

Pensamento e obra

Sócrates nada escreveu. Tudo o que sabemos de suas idéias se baseia nas informações de dois discípulos e entusiasmados admiradores, Platão e Xenofonte, e pela caricatura de Aristófanes.

Proclamado "o mais sábio dos homens" pelo Oráculo de Delfos, apresentava-se no entanto como um mero ignorante em busca da verdade: "só sei que nada sei", dizia. Ele acreditava que a virtude e os mais altos valores éticos estavam profundamente arraigados no inconsciente das pessoas e comparava seu trabalho de "extrair" as idéias ao de uma parteira (maiêutica socrática). Para que seus interlocutores recuperassem o conhecimento "adormecido" e abandonassem as idéias falsas, recorria à ironia: alegando nada saber, conduzia habilmente o interlocutor até que ele mesmo, refletindo, chegasse à conclusão correta.

Para Sócrates, o bem e a virtude eram conseqüências naturais do saber. Assim, se o conhecimento levava à sabedoria, a prática da injustiça e da maldade era apenas o resultado da ignorância; o mal nada mais era que a falta de conhecimento do bem. Neste sentido, Sócrates diferia dos sofistas, pois discernir entre o certo e o errado (algo que portanto, fluía) não estava na sociedade, mas na razão, que é eterna e imutável.

Platão (427 – 347 a.C.)

Foi membro de uma aristocrática e ilustre família. Descendia dos antigos reis de Atenas, de Sólon e era também sobrinho de Crítias (-460/-403) e Cármides, dois dos "Trinta Tiranos" que governaram Atenas em -404. Lutou na Guerra do Peloponeso entre -409 e -404, e a admiração por Sócrates, que conheceu em algum momento desse período, foi decisiva em sua vida.

O pensamento platônico

• Os diálogos socráticos. Platão saiu de Atenas em -399, após a execução de Sócrates e passou os 12 anos seguintes viajando. Retornou a Atenas e fundou por volta de -385 a Academia, protótipo de todos os colégios e universidades atuais. A escola era dotada de alojamentos, refeitório e salas de leitura, onde Platão e seus alunos passavam o tempo estudando e discutindo matemática, astronomia, música e, é claro, filosofia. Sua intenção era formar homens de princípios elevados, preparados para exercer funções políticas de destaque em suas comunidades. Existem 43 diálogos e 13 cartas atribuídos a Platão.

Nos diálogos do 1º grupo (ditos "socráticos"), o personagem principal é Sócrates e são as idéias dele que Platão nos apresenta. Nos diálogos do 2º

grupo, embora Sócrates ainda seja um dos personagens importantes, ele é apenas um porta-voz das concepções platônicas. A presença de Sócrates é rara nos diálogos do 3º grupo e, provavelmente, as idéias mostradas são as do próprio Platão.

Além de Sócrates, Platão teve outras influências, como por exemplo os pitagóricos, Heráclito e Parmênides. Sua filosofia contém, basicamente, dois elementos: o metafísico e o moral.

A famosa "teoria das formas" — com frequência erradamente traduzida por teoria das idéias — é a mais importante contribuição platônica à Filosofia. Segundo Platão, o Mundo Sensível (o que se apreende pelos sentidos), variado e mutável, é apenas um aspecto do mundo real, constituído por formas puras, fixas e imutáveis que só podem ser conhecidas intelectualmente, através da razão pura.

Platão, como os pitagóricos, acreditava que a alma já existia antes do corpo, continuava a existir após a morte e posteriormente entrava em novo corpo prestes a nascer. Em estado puro, era a alma capaz de contemplar sem obstáculos o Mundo das Formas; ao adentrar um novo corpo, porém, ocorria um choque e produzia-se o esquecimento. Mas, traços dessa contemplação permaneciam no espírito e podiam ser eventualmente reativados. Para conhecer, portanto, era preciso relembrar.

A forma suprema é a do Bem, capaz de tornar compreensíveis todas as demais. O verdadeiro conhecimento é o conhecimento do Bem. O filósofo, de todos o mais apto a adquirir esse conhecimento, é conseqüentemente o mais apto a governar a cidade-estado ideal.

Aristóteles

Nasceu em Estagira, na Calcídica, em -384; era filho de Nicômaco, médico pessoal de Amintas, rei da Macedônia (-393/-370), pai de Felipe II (-382/-336) e avô de Alexandre III (-356/-323).

Estudou na Academia de Platão entre -367 e -347. Em -343 aceitou tornar-se preceptor de Alexandre, filho de Felipe II.

De volta a Atenas, no mesmo ano, fundou o famoso Liceu, ou "Escola Peripatética", assim chamada devido ao hábito de discutir filosofia enquanto passeava (gr. peripatêo) pelas alamedas da escola. Lá, ele e seus discípulos realizaram pesquisas filosóficas e científicas em alta escala e reuniram vasto material referente a todo o conhecimento da época.

Obras sobreviventes

Aristóteles publicou grande quantidade de obras de caráter didático, destinadas ao público em geral, sob a forma de diálogo. Nenhum desses textos exotéricos ("externos") chegou até nós; possuímos apenas pequenos trechos e um ou outro resumo.

Sobreviveram somente os escritos esotéricos ("internos"), concisos e de caráter mais técnico, baseados nas anotações do filósofo para aulas e exposições destinadas aos discípulos da escola entre -335 e -323. Podemos agrupá-los da seguinte forma:

Lógica: Categorias, Da interpretação, Primeiros Analíticos, Segundos Analíticos, Tópicos, Refutações sofísticas (textos conhecidos, em seu conjunto, por "Órganon");

Ciências: Física, Do céu, Meteorologia, Da geração e da destruição, Das partes dos animais, Da geração dos animais, História dos animais;

Psicologia e metafísica: Da alma, Da sensação e das coisas sensíveis, Do sono, Da respiração, Metafísica;

Moral e política: Ética a Nicômacos, Política, Constituição de Atenas;

Retórica e poética: Poética, Retórica.

O pensamento de Aristóteles

Aristóteles rejeitou a teoria das formas ("idéias") de seu mestre, Platão, pois ela envolvia conceitos excessivamente abstratos; para ele, existem apenas seres e objetos concretos e reais, que podem ser percebidos pelos sentidos e analisados em termos de forma, constituição, construção e finalidade. Todas as coisas têm caracteres gerais, que permitem agrupá-las, e caracteres específicos, que as distinguem umas das outras.

Esse "sistema" permeia toda a obra de Aristóteles. Sua contribuição fundamental à Filosofia foi, no entanto, a criação da lógica formal e da lógica material, métodos que organizam e ordenam o raciocínio e o pensar. Dentre outras importantes contribuições, cite-se a retórica, estudo da palavra, uma das mais distintivas características do homem; a ética, estudo dos princípios racionais da virtude humana; e a política, estudo do comportamento do homem em comunidade.

Aristóteles estudou, ordenou, classificou e escreveu a respeito de toda a ciência e toda a filosofia antiga; "não teve continuadores, e sim comentadores" (Humbert, 1961). O pensamento aristotélico dominou de forma absoluta a Idade Média ocidental, influenciou os árabes e continuou praticamente incontestado até o século XIX.

Referências Bibliográficas

GAARDER, Jostein. O mundo de Sofia: romance da história da filosofia. São Paulo: Cia das Letras; Schwarcz Ltda, 1999.

GRÉCIA Antiga: filosofia e religião. Disponível em <http://warj.med.br/fil>. Acesso, março, 2004.

Anexo 1: A alegoria da caverna²

Sócrates - Agora imagina a maneira como segue o estado da nossa natureza relativamente à instrução e à ignorância. Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentados, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, pois as correntes os impedem de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo dessa estrada está construído um pequeno muro, semelhante às divisórias que os apresentadores de títeres armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas.

Glauco - Estou vendo.

Sócrates - Imagina agora, ao longo desse pequeno muro, homens que transportam objetos de toda espécie, que o transportem: estatuetas de homens e animais, de pedra, madeira e toda espécie de matéria; naturalmente, entre esses transportadores, uns falam e outros seguem em silêncio.

Glauco - Um quadro estranho e estranhos prisioneiros.

Sócrates - Assemelham-se a nós. E, para começar, achas que, numa tal condição, eles tenham alguma vez visto, de si mesmos e dos seus companheiros, mais do que as sombras projetadas pelo fogo na parede da caverna que lhes fica de frente?

Glauco - Como, se são obrigados a ficar de cabeça imóvel durante toda a vida?

Sócrates - E com as coisas que desfilam? Não se passa o mesmo?

Glauco - Sem dúvida.

Sócrates - Portanto, se pudessem se comunicar uns com os outros, não achas que tomariam por objetos reais as sombras que veriam?

Glauco - É bem possível.

Sócrates - E se a parede do fundo da prisão provocasse eco, sempre que um dos transportadores falasse, não julgariam ouvir a sombra que passasse diante deles?

Glauco - Sim, por Zeus!

Sócrates - Dessa forma, tais homens não atribuirão realidade senão às sombras dos objetos fabricados.

Glauco - Assim terá de ser.

Sócrates - Considera agora o que lhes acontecerá, naturalmente, se forem libertados das suas cadeias e curados da sua ignorância. Que se liberte um desses prisioneiros, que seja ele obrigado a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos para a luz: ao fazer todos estes movimentos sofrerá, e o deslumbramento impedi-lo-á de distinguir os objetos de que antes via as sombras. Que achas que responderá se alguém lhe vier dizer que não viu até então senão fantasmas, mas que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, vê com mais justeza? Se, enfim, mostrando-lhe cada uma das coisas que passam, o obrigar, à força de perguntas, a dizer o que é? Não achas que ficará embaraçado e que as sombras que via outrora lhe parecerão mais verdadeiras do que os objetos que lhe mostram agora?

Glauco - Muito mais verdadeiras.

Sócrates - E se o forçarem a fixar a luz, os seus olhos não ficarão magoados? Não desviará ele a vista para voltar às coisas que pode fitar e não acreditará que estas são realmente mais distintas do que as que se lhe mostram?

² PLATÃO. *Início do Livro VII In: A República de Platão*. (trad. Enrico Corvisieri) São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores).

Glauco - Com toda a certeza.
Sócrates - E se o arrancarem à força da sua caverna, o obrigarem a subir a encosta rude e escarpada e não o largarem antes de o terem arrastado até a luz do Sol, não sofrerá vivamente e não se queixará de tais violências? E, quando tiver chegado à luz, poderá, com os olhos ofuscados pelo seu brilho, distinguir uma só das coisas que ora denominamos verdadeiras?

Glauco - Não o conseguirá, pelo menos de início.

Sócrates - Terá, creio eu, necessidade de se habituar a ver os objetos da região superior. Começará por distinguir mais facilmente as sombras; em seguida, as imagens dos homens e dos outros objetos que se refletem nas águas; por último, os próprios objetos. Depois disso, poderá, enfrentando a claridade dos astros e da Lua, contemplar mais facilmente, durante a noite, os corpos celestes e o próprio céu do que, durante o dia, o Sol e a sua luz.

Glauco - Sem dúvida.

Sócrates - Por fim, suponho eu, será o Sol, e não as suas imagens refletidas nas águas ou em qualquer outra coisa, mas o próprio Sol, no seu verdadeiro lugar, que poderá ver e contemplar tal como é.

Glauco - Necessariamente.

Sócrates - Depois disso, poderá concluir, a respeito do Sol, que é ele que faz as estações e os anos, que governa tudo no mundo visível e que, de certa maneira, é a causa de tudo o que ele via com os seus companheiros, na caverna.

Glauco - É evidente que chegará a essa conclusão.

Sócrates - Ora, lembrando-se da sua primeira morada, da sabedoria que aí se professa e daqueles que aí foram seus companheiros de cativeiro, não achas que se alegrará com a mudança e lamentará os que lá ficaram?

Glauco - Sim, com certeza, Sócrates.

Sócrates - E se então distribuíssem honras e louvores, se tivessem recompensas para aquele que se apercebesse, com o olhar mais vivo, da passagem das sombras, que melhor se recordasse das que costumavam chegar em primeiro ou em último lugar, ou virem juntas, e que por isso era o mais hábil em adivinhar a sua aparição, e que provocasse a inveja daqueles que, entre os prisioneiros, são venerados e poderosos? Ou então, como o herói de Homero, não preferirá mil vezes ser um simples criado de charrua, a serviço de um pobre lavrador, e sofrer tudo no mundo, a voltar às antigas ilusões e viver como vivia?

Glauco - Sou da tua opinião. Preferirá sofrer tudo a ter de viver dessa maneira.

Sócrates - Imagina ainda que esse homem volta à caverna e vai sentar-se no seu antigo lugar: não ficará com os olhos cegos pelas trevas ao se afastar bruscamente da luz do Sol?

Glauco - Por certo que sim.

Sócrates - E se tiver de entrar de novo em competição com os prisioneiros que não se libertaram de suas correntes, para julgar essas sombras, estando ainda sua vista confusa e antes que os seus olhos se tenham recomposto, pois habituar-se à escuridão exigirá um tempo bastante longo, não fará que os outros se riam à sua custa e digam que, tendo ido lá acima, voltou com a vista estragada, pelo que não vale a pena tentar subir até lá? E se a alguém tentar libertar e conduzir para o alto, esse alguém não o mataria, se pudesse fazê-lo?

Glauco - Sem nenhuma dúvida.